

# Era uma vez a Cidade de Palha

*A Vila Rubim começou a ser ocupada no início do século, quando foram construídos casebres, compondo um cenário de pobreza*

**D**e Cidade de Palha a um dos mais importantes centros comerciais da Grande Vitória. Essa foi a trajetória da Vila Rubim, cuja história começou no início deste século.

Foi o coronel português Francisco Alberto Rubim – que governou a Capitania do Espírito Santo no período de 1812 a 1819 – que serviu de inspiração para o nome do bairro.

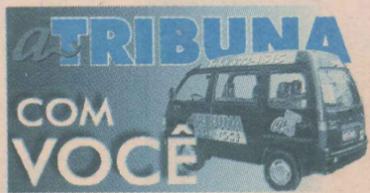
Os primeiros habitantes da Vila Rubim foram famílias de migrantes do interior do Estado e de outros estados. Nessa época, o bairro acabou sendo apelidado de “Cidade de Palha”, pois os casebres e a pobreza predominavam no local.

O desenvolvimento do bairro sempre esteve diretamente relacionado à sua situação de passagem obrigatória para o continente, e vice-versa, e à expansão do centro de Vitória. Havia inclusive bondes, que foram retirados de circulação em 1963.

Até a década de 70, da Vila Rubim podia-se apreciar o mar. Havia um cais próximo ao bairro onde se fazia transporte de cargas e passageiros. Depois disso, o lugar foi aterrado.

Na década de 40, surgiu o mercado da Vila Rubim, marcando a transformação do espaço residencial em comercial.

Até 1955, as mercadorias ainda eram comercializadas



a céu aberto. Mais tarde, passou a funcionar um mercado, que logo ficou conhecido como Coréia. Lá, havia constantemente confusão entre doqueiros, pivetes e polícia.

Foi na administração do prefeito Setembrino Pelissari que os galpões foram instalados. Depois disso, vários ambulantes começaram a se instalar na praça Manoel Rozindo. Em 1994, uma tragédia marcou o local, quando uma explosão de pelo menos 60 toneladas de fogos de artifício de um estoque clandestino provocou um dos maiores incêndios já vistos no Estado, com a destruição de quatro galpões.

A tragédia deixou como saldo 35 feridos, quatro mortos, 15 carros destruídos e prejuízos incalculáveis para os comerciantes da região.

Hoje, passados seis anos do incêndio, os galpões destruídos já estão sendo reformados e deverão ser inaugurados em fevereiro no ano que vem. Uma enorme estátua de Iemanjá, que restou intacta no local do acidente, é exibida aos curiosos como um símbolo de esperança.



Felicidade, 75 anos, ocupa a cadeira nº 21 da Academia Feminina Espírito-Santense de Letras

## Felicidade, a imortal da Vila

Uma vez por mês, Felicidade de Albertino Méia, 75 anos, que mora há 50 anos na Vila Rubim, se prepara para ir a um tradicional chá com biscoitos: um “piquenique”, como ela costuma chamar.

O local da reunião é a Academia Feminina Espírito-Santense de Letras, onde Felicidade, também conhecida como dona Caçula, ocupa desde 1992 a cadeira nº 21, que foi de sua amiga Maria Marques.

A imortal capixaba nascida em São Miguel, no município de Guarapari, começou a escrever na década de 60 e era cronista assídua dos principais jornais do Estado.

Felicidade tem cinco livros publicados, sendo três deles pela editora Pongetti, do Rio de Janeiro. Sua primeira obra foi para as

ruas assinada com um pseudônimo, sobre o qual ela não gosta de lembrar.

“O livro se chama ‘O silêncio aniquilou duas vidas’. Quem lê este livro pensa que eu sou de Recife, pois o cenário é todo de lá”, comentou.

Depois dessa publicação, vieram os títulos “Joguetes do destino”, “Meu filho, meu juiz”, “Se o silêncio falasse...” e “Banco de jardim” – o último publicado, no qual a autora faz um passeio pela história, contando fatos da Segunda Guerra Mundial com uma delicadeza que lhe é própria.

Ela lembrou que um dia, ao olhar pela janela do escritório onde trabalhava, no Porto de Vitória, vieram em sua mente alguns versos sobre a paisagem. De lá para cá, a poesia não a deixou mais.

Filha de pais “analfabetos, mas inteligentes”, Felicidade é apaixonada pela literatura desde criança. Apesar disso, não possui autores favoritos e disse que aprendeu a fazer poemas e romances sem a ajuda dos clássicos. “A gente nasce com um dom”, ressaltou.

Após a morte de seu marido, em 1974, a imortal ficou quase 15 anos sem escrever uma linha, tomada pela tristeza. Atualmente, além de participar das reuniões da Academia e de cuidar da casa, ela cria pequenos textos.

Para a primeira reunião da instituição, a escritora foi intimada a preparar um poema. “Eu estava em depressão na época. Daí fiquei pensando no que poderia escrever e preparei o poema chamado Sigla, no qual coloquei as iniciais da Academia”.

### O BAIRRO

**Fundação** – A Vila Rubim data do início do século, quando era conhecida como Cidade de Palha.

**População** – Com base nos dados do censo realizado em 1996 pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o bairro possui 2.392 habitantes, sendo 1.294 mulheres e 1.098 homens.

**Limites** – A Vila Rubim tem como vizinhos o Morro do Quadro, a Ilha do Príncipe, Caratoira, Morro do Alagoano e Boa Vista.

**Saúde** – Existem dois postos de saúde que atendem aos moradores.

**Educação** – O bairro possui duas escolas e uma creche da rede pública de ensino.

**Lazer** – A comunidade conta com duas pracinhas: a Doutor Athayde e a Escolástica de Souza.

**Economia** – De acordo com o Departamento de Receita, o valor do Imposto Predial e Territorial (IPTU) lançado para este ano na Vila Rubim foi de R\$ 221.190,03, deste total, R\$ 67.541,71 foram pagos em cota única. A inadimplência está girando em torno de R\$ 32,08%.

No bairro existem 609 estabelecimentos de comércio e serviços, três de ensino, 830 residências, 18 garagens comerciais, oito garagens residenciais, três instituições de saúde, 37 terrenos sem uso e 10 templos religiosos.

Fonte: Prefeitura Municipal de Vitória (PMV) e moradores da Vila Rubim